

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**PROTAGONISMO FEMININO ATRAVÉS DA LINGUAGEM: ESTILO E  
RESISTÊNCIA**

GEISA DE FRANÇA

BRASÍLIA

2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

**PROTAGONISMO FEMININO ATRAVÉS DA LINGUAGEM: ESTILO E  
RESISTÊNCIA**

GEISA DE FRANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

ORIENTADOR: Renato Cabral Rezende

BRASÍLIA, 2020

*Cada letra deste trabalho aos que, antes que eu pudesse cogitar, jamais desistiram de mim  
À Luzia, minha mãe, que sempre acreditou e fez com que eu pudesse mais;  
Ao meu pai, José, que conseguiu, junto a minha mãe, criar três filhos e colocá-los em uma  
Universidade Pública, mesmo sem saber ler;  
À educação pública, da qual sou fruto, e a todos que dedicam suas vidas a defendê-la;  
A todos os meus amigos e amigas, que jamais permitiram que eu desistisse;  
Ao meu querido amigo e orientador, Renato, que às vezes acredita mais em mim do que  
eu;  
Obrigada a todos aqueles que me apoiaram e fizeram com que eu entendesse que perder  
não era uma opção.*

## AGRADECIMENTOS

Gosto de sonhar, pois o sonho é um espaço onde posso ser aquilo que desejo, e do sonho posso retirar forças para ser também na realidade. Quando comecei a cursar Letras, não sabia se conseguiria concluir a graduação, ainda neste momento não sei, mas sei que pretendo, talvez muito desse medo esteja relacionado com o fato de ser da primeira geração da minha família que pode de fato pensar em ingressar em uma Universidade e o fez uma instituição pública de qualidade, como o público é e tem que ser, para servir a todos da melhor forma possível. Entrar, estar e viver a Universidade de Brasília, em todas as suas possibilidades e impossibilidades, fez-me ver como eu, de fato, desejo ocupar esse espaço, como tenho apreço pela docência e pelo conhecimento, bem como desejo vive-los e defendê-los enquanto seguir respirando. As experiências que tive e as pessoas que pude conhecer me fizeram melhor do que antes, tanto como pesquisadora quanto como pessoa, se não fossem meus amigos e meu orientador, quem incluo como amigo também, eu não conseguiria realizar este trabalho, agradeço muito por isso, pelas trocas e pelo encorajamento daqueles que, antes que pudesse, não desistiram de mim e não desistiram dos meus sonhos, já que eles também são quem sou. Agradeço àqueles que me encorajaram a persistir e estiveram ao meu lado, tentando e também pesquisando, Letícia Campos, Mateus Feitosa, Dayane Azevedo, Isabella Ribeiro, Marina Rodrigues, Marília Melo, Guilherme Fortunato e Matheus Villanova, muito obrigada pela força constante, as palavras e o incentivo para que fossemos capazes de concluir nossas respectivas pesquisas, especialmente Letícia, que foi, ao longo dessa jornada, minha amiga, desde antes, e parceira de pesquisa nas manhãs frias, quentes e corridas em que acordamos cedo para que pudéssemos coletar as melhores informações possíveis para realizar nossos respectivos trabalhos, além de, mesmo distante em função da pandemia, encorajar-me a escrever, meu muito obrigada a eles e todas e todos que vieram antes de mim para que fosse possível que eu estivesse aqui.

Por fim, mas não menos importantes, pelo contrário, agradeço meus pais, Luzia e José, que sempre investiram e acreditaram na minha educação, por terem me apoiado a cursar o curso que eu desejasse, no tempo que eu conseguisse e da melhor forma que pudesse, para que tivesse as melhores oportunidades possíveis, mesmo que eles não tenham experienciado isso, já que não puderam, por motivos diversos, estudar, mas nem por isso desistiram de mim e

dos meus irmãos. Sou grata por vocês terem proporcionado o melhor para nós, a fim de que, enquanto necessário e possível, nos preocupássemos apenas com os estudos, agradeço por compreenderem nosso tempo, sem forçar para que formássemos antes e sem tecer críticas por nossas escolhas, afinal: precisamos cometer nossos próprios erros e viver nossas próprias vidas, sei que vocês fizeram o melhor que puderam e fizeram muito bem, muito obrigada por tudo, amo vocês.

## RESUMO

As relações humanas funcionam a partir da lógica de poder vigente na sociedade, mas esses aspectos não ocorrem apenas por meio de ação, pelo contrário, estendem-se ao âmbito linguístico, o qual funciona como um meio, recurso, através do qual se pode gerar a manutenção das ordens de poder vigentes na sociedade, que incluem idade, classe social, mas especialmente aqui o recorte de gênero. Portanto, aqui, pretende-se mostrar como o ambiente escolar pode ser um espaço para realização dessa manutenção (BOURDIEU, 1998), assim como também existe a possibilidade dessas mesmas relações adquirirem um novo significado, a partir da fala, a depender da situação comunicativa na qual os sujeitos estão envolvidos, o que considera os interlocutores, e da significação que as referidas práticas linguísticas adquirem em seu curso (EKCERT, 2008), tendo em vista que essas são dotadas de intenções por parte dos respectivos falantes. Assim, neste estudo, levou-se em consideração a somatória de dois dos espaços que Bourdieu considerou como responsáveis pela manutenção das relações de dominação masculina, são eles: a escola e a instância militar, visto que o campo social ( REZENDE, 2019 ) selecionado para a pesquisa foi o de uma escola pública militarizada localizada na Região Administrativa número IX do Distrito Federal (DF), que, no momento da pesquisa, se iniciava nesse processo com a promessa de melhora nos índices da escola, mesmo sob muita desconfiança e desgosto do corpo estudantil e pedagógico. Logo, no curso desta observação de cunho participante, foram notados os conflitos entre o corpo estudantil e o grupo de policiais responsáveis pelo espaço, bem como as situações de vigilância, manutenção de poder, resistência linguística a partir da fala das meninas e os conflitos entre os próprios estudantes, esse últimos considerados principalmente a partir do espectro de gênero e com atenção especial às meninas que, por diversas vezes, demonstraram uma postura de resistência do que se optou por chamar de *protagonismo feminino*, ativo em situações nas quais, em tese, não se esperava uma reação mais incisiva por parte delas, mas em momentos nos quais elas, por algum motivo – talvez por incômodo – impuseram-se diante de seus interlocutores, tendo isso sido observado especialmente nos momentos em que os respectivos interlocutores eram jovens de gênero masculino da mesma faixa etária que elas. Portanto, identificou-se aqui o prolongamento vocálico, bem como o aumento no tom de voz, como elementos demonstrativos acerca de uma possível postura de resistência, emergente do âmbito linguístico, por parte delas, a fim de fazerem-se não apenas notadas, mas com o fito de terem a atenção de terceiros focalizada nelas nos momentos em que essas eram elemento-destaque da prática comunicativa, mas por

diversas vezes foram “apagadas” pelo discurso e precisaram, então, recorrer ao processo de estilização a fim de alcançar o protagonismo.

### **ABSTRACT**

The human relation happens with the logic of the power system in the Society, but this isn't only with action, have too the linguistic aspect, that is the recourse to make de maintenance of de power logics in the Society, this can count with age, social class, but especially, here, with the question about gender. So, the objective is show how the school can be a space for realization of these maintenance (BOURDIEU, 1998) and also how to have the possibility of this relationship acquire a new meaning, it is clear that this depends on the communicative situations and the meaning that linguistic practice will have at the moment (EKCERT, 2008), because it has intentions of the speakers, something that contribute this too. So, in this article, have two things (spaces) that Bourdieu said they were responsible for the masculine domination, they are: school and militaries, because the social camp (REZENDE, 2019) selected to the research was a public school militarized localized in the Administrative Region number IX of Federal District, that, in the moment of research, started this process with the promise of to make the school better, but with disconfiance of the students and teachers. So, in this participant observation, was possible observe the students and policemen, the relations and the the power in the process of these moments, of course that with conflict, here with focus in gender and special attention for girls that, in some moments, linguistically did a thing that, here, is denominated like protagonism, this in situations that the reaction wasn't programated, but was incisive, this with boys in the position of interlocution and too in the same age. So, here was possible to note a vocalic prolongement and a increase of voice tone, elements that show a possible posture of resistance, in the linguistic camp, of her, a action for to be heard and considered, with real focus for achieve the space of protagonism.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 CONTEXTO E CAMPO SOCIAL .....	09
2.1 AMBIENTE ESCOLAR E RELAÇÕES SOCIAIS .....	13
2.2 JOVENS ESTUDANTES E O AMBIENTE ESCOLAR .....	17
3 A CONSTRUÇÃO DE PERSONAS FEMININAS EM RA DO DF .....	20
4 ANÁLISE DE DADOS .....	23
4.1 PROLONGAMENTO VOCÁLICO E PROTAGONISMO FEMININO .....	26
4.2 ESTILIZAÇÃO LINGUÍSTICA E MANUTENÇÃO DA DOMINAÇÃO .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31

### 1. INTRODUÇÃO

É possível compreender uma sociedade a partir das decisões de seus componentes, bem como a partir da organização política, cultural e diversos outros. Entretanto, pouco considerado, apesar de dito, sobre como podemos compreender uma sociedade, espaços e os processos pelos quais ela passa a partir do campo linguístico, já que podemos conceber o campo da linguagem como um elemento utilizado para manutenção de estruturas vigentes ou mesmo destoando do padrão muito exposto e naturalizado. Sendo assim, aqui, pretende-se expor como ocorre a utilização da linguagem como um mecanismo de poder, ou seja, como é possível utilizar recursos linguísticos para realizar a manutenção de uma determinada situação ou disposição social, mas também é notável como esse mesmo recurso pode ser utilizado de algum modo para intervir ou questionar esses formatos tão naturalizados. Assim, para tal, foi selecionado o campo social, “...um espaço de posição e tomada de posição pelos atores sociais que ali desenvolvem trajetórias...” (REZENDE, 2019, p.10), de uma escola pública localizada na Região Administrativa (RA) IV do Distrito Federal (DF) militarizada no ano de 2019 sob a promessa de melhora no indicadores da escola e com rejeição de parte do corpo docente e discente da unidade escolar. Desse modo, nesse ambiente que, além da diversidade, também contava com algumas relações iniciadas com um impasse e de modo conflituoso, realizou-se o presente estudo para compreender melhor e na prática as concepções de Eckert (2008) a respeito da aquisição de significado a partir da utilização de um recurso linguístico por parte dos falantes. Logo, para tal, aqui, a opção foi focar na relação linguística, e conseqüentemente social, entre jovens estudantes, meninos e meninas, de mesma faixa etária - dos 15 aos 18 anos - estudantes da referida escola militarizada, de modo que para tal utilizou-se o modo de observação em alguns momentos participantes, mas prezando ao máximo pela expressão natural, postura não-vigilante, por parte dos jovens, a fim de prezar pela realidade linguística comunicativa daqueles jovens. Entretanto, observar-se-á especialmente aqui a postura das meninas, a qual se pretende denominar de protagonismo linguístico feminino, em função da postura linguística assumida por elas no momentos em que foram confrontadas ou pretendiam ter atenção, quando essa - em função de qualquer outro fator - estava dispersa, de modo que elas, podemos assim colocar aqui, estavam fora do foco, pois a atenção dos demais estudantes e interlocutores não estava voltada a elas, o que, a partir da postura assumida por elas, se pode observar que não lhes era agradável. Desse modo, apesar de, conforme pontuado por Bourdieu (1998) a escola e a ordem militar - aqui, no caso, o espaço militarizado - serem espaços para a manutenção da dominação masculina, observou-se uma postura de resistência por parte delas à partir do



campo da linguagem, isso, como poderemos ver à seguir, à partir do prolongamento vocálico, bem como da alteração no tom de voz das estudantes, a fim de fazerem-se consideradas pelos respectivos interlocutores.

## **2. A escola pública do Distrito Federal: Contexto e campo social de realizações linguísticas.**

É imprescindível considerar a escola como um espaço em que se encontram as mais diversas realizações e conflitos, de inúmeras naturezas, pois é nela em que estão pessoas de idades, crenças e posicionamentos distintos. Assim, no ambiente da escola pública, localizada na Região Administrativa IX do Distrito Federal desde 21 de maio 1974, a qual passou pelo processo de militarização no ano de 2019 após consulta à comunidade escolar, esse resultou em negativa à sugestão em um votação conflituosa, na qual houveram contrastes nítidos que demonstraram que a maior parte da comunidade acadêmica não desejava tal processo, como noticiado pelo SINPRO-DF, o que gerou inclusive sentimentos de tristeza e indignação por parte do corpo estudantil, conforme os apontamentos feitos por uma estudante ao dizer que

“Estão desrespeitando nossa vontade. Somos nós que vamos estudar aqui nesta escola e estão ignorando nossa opinião. Para nós, o ensino aqui já é bom e pode sim melhorar, mas, por outros meios. Já contamos com o apoio do Batalhão Escolar, o que precisamos agora é de qualidade de ensino, projetos pedagógicos, respeito à diversidade de opiniões, incentivo à permanência e de uma escola inclusiva, que nos prepare para o mercado de trabalho”.

(SINPRO-DF, 2019)

Entretanto, apesar da recusa, o sistema foi implementado ainda no mesmo ano e foi nesse cenário em que se deu a realização do presente estudo. Ademais, faz-se preciso considerar a relevância de tais informações e contribuições do ambiente escolar para as análises linguísticas. Outrossim, Pierre Bourdieu nos dá um panorama de como as relações de dominação ocorrem em um ambiente como esse – fala inclusive sobre instâncias militares e as relações de poder presentes no meio, o que nos auxilia na compreensão do campo em questão. Assim, diz-nos que

Ora, longe de afirmar que as estruturas de dominação são históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 1998, p.46)

Ao fazer tal colocação a respeito da dominação e os ambientes em que ela é propagada, Bordieu traz a escola como um desses espaços, o que nos permite e leva a um olhar mais atento acerca dos vínculos entre estudantes, sejam eles de mesmo ou diferente gênero, aspecto que norteará este estudo, pois tais elementos serão importantes para compreendermos os fazeres linguísticos dos sujeitos, com foco, aqui, em jovens mulheres estudantes de uma escola pública de Ensino Médio localizada em Região Administrativa do DF, sendo esse espaço tido como periferia da capital Brasília, as quais têm entre 15-18 anos de idade. Outrossim, após compreendermos o local no qual fora realizada a presente pesquisa e respectiva coleta de dados, é igualmente necessário considerar sua relevância enquanto campo social e semiótico, entendendo que, conforme apontado por Rezende (2019), a ideia de contexto é fundamental para os estudos a respeito de língua e do social. Desse modo, é possível dizer que os enunciados produzidos pelas jovens podem ter relação com fatores externos e do próprio campo, além de serem reflexo de suas vivência, mas, para isso, será necessário primeiro verificar, junto às falas, as motivações pelas quais essas são realizadas, além de, claro, ter olhares mais minuciosos para compreender tal aspecto a fim de considerar não apenas o lado delas, mas daqueles que com elas interagem e, então, também as motivações deles.

Todavia, antes que possamos debruçarmo-nos para compreensão de quem são essas estudantes de escola pública militarizada, bem como suas falas tornam-se relevantes para o campo da Sociolinguística, é preciso compreender mais a respeito da relevância desse espaço como um ambiente que, de algum modo, interfere ou relaciona-se com as relações sociais, as quais são, inclusive, mediadas pela linguagem. Assim, a partir dos estudos de Bourdieu (1998, p.65), podemos ter uma noção do que significa esse local, que, para muitos, é visto apenas como um espaço para aquisição de conhecimento, mas tem muito a dizer-nos a respeito de como as relações sociais são mediadas, pois, de acordo com o referido autor, “Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris” (BORDIEU, 1998, p.65), esse aspecto é primordial para ter-se noção do meio em que as jovens estão inseridas, visto que é o que nos guiará à noção e ideia de em que contexto elas se encontram e nos auxiliará no entendimento das coisas reservadas ao campo linguístico. Desse modo, a partir da inferência do autor, nota-se que a escola é mais que, como alguns creem, um simples espaço para aquisição de conhecimento, mas pode ser visto também como um meio para que sejam realizadas possíveis interações, entre *estudante x estudante*, *estudante x professor* e,

no presente caso, *estudante x militar*, a partir das quais ocorre a manutenção, ou não, da organização vigente, conforme apontado por Bourdieu(1998) ao afirmar que esses espaços são ambientes que se alinham à ordem de dominação masculina.

A partir, e após, da compreensão do cenário do campo explorado para este estudo, é preciso fazer, ainda, uma análise sobre contexto, conceito que é, para o campo da Sociolinguística, importante, e também guiará o entendimento desta pesquisa, mas “periférico ao elemento focal” (REZENDE, 2019, p.2) ou, em abordagem mais específica, pode-se dizer que “Contexto é um conceito teórico baseado estritamente em relações” (*apud* HANKS, 2008, p.174), o que significa que tal noção pode ser concebida como aquilo que “envolve” os processos comunicativos, de modo que é extremamente importante compreendê-lo para ter noção dos motivos pelo quais as coisas ocorrem de determinado modo, ou seja, a fim de tomar conhecimento das motivações para as realizações linguísticas dos respectivos sujeitos, de forma que seja possível escutar não somente o que é dito, mas também o não dito, isso inclusive a partir dos comportamentos dos respectivos nos momentos de interação. Desse modo, considerando então que as jovens estão inseridas em uma escola pública militarizada, contra a vontade de boa parte desses estudantes, já percebe-se um conflito inicial, o qual pode gerar um afastamento e pouca afeição dos jovens pela figuras dos policiais presentes ali, os quais são a representação do Estado naquele espaço – isso aponta para um possível contexto não muito pacífico no que diz respeito à forma como, ao menos a princípio, essas relações ocorrem. Somando-se ao exposto, há, ainda, a relação existente entre as jovens e os professores, bem como a que existe entre elas e os colegas homens, de mesma faixa etária, todas essas configurações nos auxiliarão no processo de compreensão do contexto e a entender as possíveis motivações delas, em uma tentativa de perceber e interpretar os sentidos que colocam em suas falas, verbal, ou em outras ações, não-verbal (REZENDE, 2019, p.5). Além disso, outros elementos podem auxiliar-nos a compreender as relações simbólicas de poder, estão elas presentes na esfera do gênero: *masculino x feminino*, hierarquia social: *professor x aluna* e faixa etária: *jovens estudantes mulheres entre 15 e 18 anos de idade x adultos (professores ou policiais)*. Postos esses parâmetros acerca do campo em que foi realizado o presente estudo, e as relações dispostas nele, tem-se que considerar que:

Os indivíduos, quando formulam interacionalmente um cenário, atribuem relevância a determinados aspectos do cenário, que orientarão suas percepções; quando participam conjuntamente de um campo simbólico, são orientados pelos signos linguísticos. (REZENDE, 2019, p.6)

Logo, nota-se que as condutas linguísticas desenvolvidas pelos indivíduos não ocorrem em função do acaso, mas têm relação com diversos aspectos, como os expostos anteriormente. Desse modo, pode-se inferir que o processo de estilização linguística como possível recurso de resistência por parte de jovens estudantes de uma escola pública no DF, o que se pretende expor aqui, não ocorre ao acaso, mas estabelece relação tanto com elementos externos (movimentos sociais provenientes da sociedade, por exemplo), nos quais aprofundar-me-ei posteriormente, quanto com elementos internos, do contexto em que estão inseridas. Outrossim, nota-se a tamanha relevância desses para “dar base” à conduta das jovens, para que se perceba que as estilizações ocorrem com fundamentação.

A situação será, ainda, outro elemento responsável por auxiliar-nos, mas somente quando consideradas as camadas que a “envolvem”, visto que ela, por si, não é dotada de significados, como posto por Rezende (*apud* HANKS, 2008). Entretanto, será por intermédio dela que perceberemos as angústias, conflitos e demais categorias capazes de justificar o modo de agir linguisticamente das jovens estudantes, as quais não estão restritas somente ao ambiente escolar em que se localizam, mas lidam com ambientes externos e resquícios provenientes deles, nos quais não haverá aprofundamento aqui, já que é importante considerar as experiências prévias, ainda que não nos aprofundemos nelas. Ademais, como dito anteriormente, a situação por si não basta, então faz-se preciso considerar dois aspectos a fim de entender melhor as motivações das jovens, são eles: Formulação e relevância, que dizem respeito ao direcionamento de sentido que os sujeitos dão às suas respectivas condutas, ou seja, mais uma vez, pensando nas “bases originárias” as quais exercem certa influência no falar de cada uma delas, de modo que o pretendido é, então, entender como, por que essas relações ocorrem, o que compreende as motivações da jovens, e a relevância que têm.

Por fim, após os elementos e parâmetros, sobre o ambiente em questão, expostos, percebe-se que a escola pública militarizada em questão apresenta-se como um campo social, e consideravelmente interessante, pois nota-se que ela é como um “... espaço macrossociológico de posições e tomadas de posição em que atores possuem trajetórias e se engajam na disputa do capital simbólico específico do campo...” (*apud* BOURDIEU, 1995), ou seja, nota-se um rico espaço para realização de análises a partir da perspectiva dos estudos interacionista da Sociolinguística, já que os diversos cenários e fatos sobre esse espaço demonstram conflitos, a saber a resistência dos alunos a respeito da militarização, e

diversidade, tendo em vista as figuras plural que habitam ali. Outrossim, esse fenômeno ficará ainda mais perceptível quando depararmos com os embates contrastantes na fala de *jovens mulheres* e *jovens homens*, ambas categorias residentes no contexto de escola militarizada, pois será possível notar, em suas falas, traços das trajetórias desses jovens, conforme apontado por Bordieu, bem como a compreensão de saber o motivo pelo qual dá-se a estilização linguística como recurso de resistência.

## **2.1 A terceira onda da Sociolinguística, ambiente escolar e relações sociais.**

Desde o que se considera seu “nascimento”, na década de 60, a Sociolinguística lidou com inúmeras transformações em sua forma de fazer-se/tornar-se ciência, assim, para sua respectiva realização, alguns recursos direcionadores tiveram de ser tomados, a fim de alcançar os objetivos pretendidos para final compreensão de como o social e a linguagem relacionam-se de alguma forma. A exemplo disso, os estudos realizados por Labov (1972), localizados na primeira onda da área, a respeito da estratificação social do Inglês em lojas de Nova Iorque, são capazes de fornecer um direcionamento à relação do *ser* do indivíduo, o que inclui – nesse estudo – as condições socioeconômicas, com a forma como ele manifesta-se a partir da linguagem. Porém, apesar dessa relação abordada de linguagem com o meio social, só se nota uma maior preocupação e olhar mais direcionado aos significados sociais dos diversos usos da linguagem a partir da terceira onda da Sociolinguística (CASIMIRO, 2018, p.425), cenário dentro do qual o presente estudo se encontra, tendo em vista que se pretende aqui verificar as possibilidades dos motivos pelos quais as falas são realizadas, bem como porquê são, dentro do campo social selecionado para verificação, assim também está incluso o próprio processo de militarização, realidade à qual estão expostos os estudantes. Ainda no que diz respeito à importância da referida relação, de acordo com Casimiro (2018, p. 433), “Uma das características mais marcantes da terceira onda é a centralidade do significado social da variação”. Desse modo, nota-se a relevância de entender o meio e o falante para compreender e interpretar a realização linguística que ele faz.

Assim, a priori é essencial entender que se por um lado a escola é um campo em que as relações sociais “borbulham”, o que significa dizer que ocorrem com intensidade e frequência, dado o contato cotidiano e a quantidade de pessoas que compartilham do mesmo espaço físico, por outro é preciso considerar que isso não se dá de forma desordenada ou sem precedentes, pois há de se considerar as vivências prévias dos sujeitos, bem como

possíveis interferências externas e internas, ainda que ocorram sem a devida consciência, ou intencionalidade por partes das pessoas inseridas ali, nos “fazer linguísticos” dos indivíduos. Tais possibilidades são possíveis em virtude da rica diversidade existente no ambiente, que é a escola pública do DF. Portanto, é preciso entender que esse campo é

é uma forma de organização social que apresenta dois aspectos centrais: (a) uma configuração de papéis sociais, de posições dos agentes e de estruturas às quais estas posições se ajustam; (b) o processo histórico no interior do qual estas posições são efetivamente assumidas, ocupadas pelos agentes (individuais ou coletivos) (HANKS, 2008, p.9)

Precipualemente, no que diz respeito aos papéis sociais ocupados no ambiente escolar, tem-se as figuras de professores, estudantes e, neste campo especialmente, os militares, o que faz com que lidemos aqui com diversas camadas de posições sociais, de agentes e estruturas em que essas mesmas posições podem ajustar-se. Outrossim, o elemento das relações nos auxiliará a entender os prováveis porquês de determinadas relações ocorrerem de determinadas formas. Assim, ao depararmos com um ambiente escolar, já precisamos compreender alguns contrastes que se espera do referido local, no qual há a relação entre *professor x aluno*, que ocorre dentro de uma determinada lógica de poder, tendo em vista a representação social do que é a figura do (a) professor (a), uma autoridade, frente ao aluno (a), do (a) qual se espera determinado grau de subordinação, mas e no que diz respeito ao nível dos estudantes e de como eles estabelecem as relações entre si? Bem, as distinções entre esses jovens, a referida diversidade, são capazes de criar categorias, entre eles, de diversas naturezas, sejam elas de *faixa etária, gênero, série/ano em que o estudante está ou outros*. Em função do exposto, é importante delimitar que aqui será trabalhada a relação a partir da perspectiva de gênero entre jovens estudantes da escola pública militarizada, a fim de compreender como e se jovens do gênero masculino e feminino relacionam-se de formas distintas de seus pares a depender do gênero desse, tal abordagem mostra-se necessária para compreensão da estilização linguística como um possível recurso de resistência por parte das jovens, a fim de delimitar se ela fazem isso só quando deparam-se com indivíduos de gênero oposto ou ainda diante de outras jovens, se isso ocorre quando confrontadas, em situações normais ou em outras possibilidades. Essa abordagem, de gênero + situação de uso, faz-se necessária pois, conforme pontuado por Eckert (2008), os enunciados terão significação/serão dotados de significados a partir da situação em que estão sendo utilizados, ou seja, existe uma significação que envolve uma postura assumida em um diálogo entre jovens homens estudantes e jovens mulheres estudantes e outra significação no que diz respeito a

um possível diálogo entre jovens mulheres estudantes e seus respectivos professores/professoras. Além disso, a depender do nível de conflito envolvido na situação, se ele existir, a significação também pode obter um significado diferente. Assim, somado a isso, é interessante que essas análises tenham sido feitas no referido local para compreender como funciona o que Bourdieu, ao tratar das instâncias responsáveis por reproduzir e perpetuar mecanismos para manutenção da relação entre gêneros, aponta, ele concluiu que

O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem (BOURDIEU, 1998, p.103)

No ambiente escolar em questão, observa-se a presença, física e constante, de pelo menos duas das instâncias apresentadas por Bourdieu, sendo a primeira a própria escola e a segunda o Estado na figura de polícia militar. Além disso, apesar de não ser presença frequente no meio analisado, a família apresenta-se como um dos principais contribuintes para o processo formativo de jovens, os quais “carregam” consigo os valores aprendidos no ambiente familiar. Assim, depreende-se que eles podem, de alguma forma e em algum nível, usar desses valores familiares para guiar as relações em um ambiente externo aos respectivos lares, o que faz com que ocorra o contato e a troca indireta, através dos jovens, desses princípios, que podem dar-se por intermédio da linguagem, assim nota-se a provável utilização da linguagem como mecanismo de poder, seja esse entendido a partir da intenção e possibilidade de exercer autoridade ou impor limites ao interlocutores. Desse modo, quando se analisa a relação, ou embate, entre indivíduos, é preciso também considerar que cada um desses está dotado de vivências e concepções prévias, de modo que, apesar da ocorrência, uma situação de interatividade entre pessoas distintas, apesar de certa especificidade, não se restringe ao momento de sua ocorrência, mas conta com uma série de fatores que podem passar despercebidos mesmo pelos envolvidos nas práticas comunicativas em análise. Com isso, mais que simplesmente poder apontar que determinada prática comunicativa/linguística se dá em função e para fins de resistência, é importante compreender onde e por que ela encontra tal legitimidade ou oportunidade para ocorrer, bem como quais os elementos resultantes de tal prática.

Em um ambiente escolar, aqui com o ‘bônus’ da militarização, ocorre a interação dos mais diversos jovens, o que gera uma intensa interatividade, o que por sua vez – em função das

vivências prévias dos indivíduos – pode gerar determinados conflitos, trocas ou trocas em forma de conflitos. Isso ocorre pois

De acordo com esta definição [de campo social], segundo Bourdieu (1995)], hospital, universidade, profissão, disciplina acadêmica, tribunal, supermercado, aeroporto, congregação religiosa e vizinhança são todos campos sociais. Isso não significa que eles sejam todos equivalentes ou que qualquer um deles não possa ele próprio vir a ser incorporado a outro campo. Significa, sim, que essas e outras formações sociais fornecem contextos críticos incorporados que modelam campos demonstrativos radiais, interativamente centrados (*apud* HANKS, 2008, p. 188).

Análogo a isso, tem-se a abordagem de Rezende (2019) voltada à escola pública do DF, considerando-a também enquanto/como um campo social, embasando-se justamente em Hanks (2008) para afirmar que

uma escola é, certamente, também, um campo social, espaço de posição e tomadas de posição pelos atores sociais que ali desenvolvem trajetórias: estudantes, professores/a, trabalhadores/as e mesmo, no caso de escolas militarizadas do Distrito Federal (DF), policiais (REZENDE, 2019, p.10)

Assim, em um meio escolar militarizado, processo recebido de forma não bem quista por parte dos estudantes, considerando aqueles que se manifestaram a respeito do referido, já se observa mais de uma tensão e mais de uma instância de manutenção das ordens de dominação vigente socialmente (BOURDIEU, 1998), sendo elas a própria escola e a esfera militar. Outrossim, em conjunto com os dois aspectos anteriores, há, ainda, a diversidade entre os jovens estudantes, algo hodiernamente visto como “riqueza”, mas não livre de conflitos e contrastes. Portanto, é minimamente sensato e possível considerar que possam ocorrer alguns conflitos entre os estudantes dentro desse ambiente que pode ser concebido como campo social. Portanto, ao compreender melhor a estruturação do ambiente, e das pessoas que o ocupam, torna-se mais fácil estabelecer percepções a respeito das relações sociais vigente, bem como as manutenções dessas a partir da própria instância, aqui representada pela escola, conforme proposto por Bourdieu (1998) ao afirmar que esse é um ambiente propício para tal. Outrossim, nesse espaço é possível perceber que há a possibilidade da existência de sujeitos que são capazes de ocupar determinadas posições a partir do campo da linguagem, tendo o espaço educacional como mediador entre sujeito, esfera individual, e espaço coletivo (REZENDE, 2019), de modo que as experiências vivenciadas são também práticas responsáveis, guiadas pelos sujeitos, por gerar a manutenção, ou transformação, das ordens vigente na esfera escolar. Assim, observa-se nesse espaço um cenário propício para realizações de cunho linguístico.

## **2.2 A figura de jovens mulheres estudantes dentro do ambiente escolar.**



Ao longo de 11 meses, foram acompanhados alguns grupos de jovens estudantes, cada um composto por cerca de 15 meninas, mas também com meninos presentes, o que já demonstra uma diversidade, no que diz respeito ao gênero. Além disso, também é possível observar uma certa dominância do gênero feminino, visto que, em ambas as turmas, elas são a maioria, quando comparadas a eles. Entretanto, é interessante perceber que, apesar de maioria numérica, isso não significa, ainda, que elas exerçam alguma forma de dominação com relação aos colegas do gênero masculino, visto que a violência à qual Bourdieu faz referência em sua obra, “Dominação masculina” (1998), justifica-se e é exercida a partir da esfera simbólica. Assim, pode-se dizer que a *dominação* encontra aqui também a possibilidade para propagação, pois é preciso considerar

uma apreensão verdadeiramente relacional da relação de dominação entre os homens e as mulheres, tal como ela se estabelece em todos os espaços e subespaços sociais, isto é, não só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia, leva a deixar em pedaços a imagem fantasiosa de um "eterno feminino", para fazer ver melhor a permanência da estrutura da relação de dominação entre os homens e as mulheres, que se mantém acima das diferenças substanciais de condição, ligadas aos momentos da história e às posições no espaço social. (BOURDIEU, 1998, p.22)

A extensão apresentada por Bourdieu acerca da relação de dominação entre os gêneros expõe a nós que não é a partir, e somente, de elementos simples – como a questão quantitativa exposta anteriormente – que se pode explicar as relações sociais, bem como as dominações exercidas, para isso é preciso ir ainda mais longe e fundo, compreender – como o próprio autor coloca – a estrutura que permite que tais disparidades ocorram e sejam propagadas nos mais diversos espaços sociais, também utilizando-se deles para manutenção, como no caso do ambiente escolar, que é o que mais nos interessa aqui, visto que esse foi o campo para realização do presente estudo. Desse modo, não se pode presumir que, porque são maioria nos locais e grupos pesquisados, não haja alguma forma de *dominação* dos meninos para com as meninas, visto que é a partir de aspectos mais complexos que esse que poderemos compreender como ocorrem tais relações, inclusive recorrendo a outros recursos para tornar isso possível.

Ainda no que diz respeito à construção da figura feminina e o que essas meninas representam dentro do campo social, é primordial compreender quem são essas jovens nesse espaço, pois as jovens estão dentro de uma lógica em que existem algumas relações de poder, como *professor(a) x aluno (a)* e de *alunos(a) x policiais*. As estudantes estão, de alguma forma e assim como os colegas homens, submissas às autoridades superiores, sejam seus professores, professoras ou a figura dos e das policiais, mas, quando postas em classe, e quando se considera esse

cenários, elas estão de alguma forma mais equiparadas aos colegas, tendo em vista que eles, por sua vez, também estão sujeitos às mesmas autoridades que elas, visto que estão sujeitos a normas, como a de uniformização – sistema comum a instituições militares e militarizadas, no caso das escolas públicas do DF, guardadas as devidas proporções para cada um dos gêneros, de modo que é possível perceber, nos materiais disponibilizados pelo Estado, há orientações voltadas tanto ao meninos quanto às meninas, de modo que se observa que eles devem usar cabelos curtos, enquanto que elas devem prender os respectivos cabelos, assim como os acessórios também devem seguir parâmetros específicos, como tamanhos e cores. Logo, depreende-se que há, aqui, um cenário extremamente delicado, tendo em vista as diversas delimitações e parâmetros minuciosos colocados para esses jovens de forma abrupta, já que a inserção do sistema militarizado deu-se de forma rápida, considerando o período de votação e entrada em campo, o que – de certa forma – se relaciona com a constituição da personalidade desses mesmos jovens, tendo em vista que a vestimenta, o que se pode entender por cabelo e adereços também, é uma extensão e forma de manifestação da personalidade deles, o que – por sua vez – fica comprometido, em função da padronização imposta pela lógica de militarização desses espaços. Entretanto, não é função da simples existência das referidas normas que elas serão necessariamente cumpridas, pois as jovens da instituição militarizada da Região Administrativa IX não correspondiam aos parâmetros estipulados pelo Estado através dos documentos disponibilizados nos sites oficiais do Governo, o que foi inclusive relatado por uma das jovens ao relatar, em conversa informal, que, apesar da orientação para retirar um piercing, localizado no nariz, não o fez e ainda apresentou a recusa frente ao policial que lhe solicitou, tendo em vista que isso não era de sua vontade. Desse modo, é possível perceber, a partir da recusa da jovem, uma postura interessante no que diz respeito aos parâmetros circunstanciais em que ela estava, tendo em vista que Bourdieu (1998) descreve a relação simbólica de poder expressa e existente no espaço escolar, assim como no militar, de modo que se pode considerar, aqui, a junção desses parâmetros em um espaço só e, ainda, colocadas as relações de *gênero* e *idade*, tendo em vista que quem fez a solicitação à estudante era um homem, autoridade no referido local e mais velho que a jovem, a qual estava localizada na faixa dos 15-18 anos de idade. Assim, nota-se, nessa ocasião, uma não correspondência ao que, em tese, seria esperado, postas as condições do ocorrido. Porém, é preciso considerar, ainda, o tempo de adaptação do público estudantil para com essas práticas e condutas, assim como o cenário de recusa por parte de uma parcela dos estudantes diante da militarização, o que nos auxilia na compreensão da

postura da jovem. Portanto, no que tange à construção e representação de jovens estudantes nesse espaço escolar militarizado, observa-se que mesmo com a instituição de diversas normas, sejam elas comportamentais ou de vestimentas, ainda é possível perceber algumas singularidades nesses jovens, tendo em vista que tais padrões encontram percalços para serem instituídos ao longo do caminho e, talvez, para que tal processo ocorra de forma integral e efetiva demanda tempo, assim como uma certa subserviência ou postura mais branda de uma das partes, que teria que ceder, o que, pela lógica da relação de dominação, teria – aos olhos dos que exercem maior nível de poder – ocorrer por parte dos menos afortunados de autoridade, no caso os estudantes, o que se justificaria por uma série de fatores, como a questão da faixa etária e mesmo a figura de autoridade que os policiais militares representam no cenário brasileiro.

### **3. O estilo na construção das personas femininas em escola pública localizada em Região Administrativa do Distrito Federal**

Precipuamente, para compreender *estilo*, é necessário considerar a possibilidade de dizer a mesma coisa de formas distintas, conforme abordado por Labov (*apud* CASIMIRO, 2018, p. 427) em seus estudos situados na primeira onda da Sociolinguística. Assim, é possível compreender, somente anos depois dos estudos de Labov e mais precisamente na terceira fase de estudos sobre Sociolinguística, a relação do estilo em associação aos significados sociais. Desse modo, é perceptível que o *estilo*, ou seja, a possibilidade de criação/moldagem das formas de falar por parte do próprio falante, detém considerável relevância e é também capaz de explicar determinadas relações sociais, já que é possível compreender a partir de Arnold et al (1993) (*apud* CASIMIRO, 2018, p.433) que “estilo é um agrupamento, um feixe (cluster) de recursos linguísticos e semióticos e a associação desses recursos com aspectos de uma prática social identificável”. Logo, a partir dessa concepção, infere-se que cada pessoa, pertencente a um determinado grupo social (como o de estudantes), detém uma forma distinta de utilizar os recursos linguísticos, de modo que isso não ocorre ao acaso, mas associa-se com as próprias experiências desse falante e conseqüentemente do grupo também. Assim, tem-se a possibilidade de que pessoas mais jovens e mais velhas explicitem-se por meio da linguagem de formas diferentes, o que não impossibilita a comunicação, já que compartilham do mesmo idioma, mas as significações atribuídas aos termos, bem como a forma de proferi-los, lidam com a possibilidade da variação em função de aspectos sociais e também circunstanciais; no caso de jovens de mesma faixa etária, pode-se considerar outros elementos que não a idade, ou seja, o grupo ao qual pertencem, gênero e parâmetros de

ordem socioeconômica, o que, a princípio, é posto neste estudo, visto que todos os jovens observados estudam na mesma localidade e turno, o que não exclui, mas nivela as possíveis distinções no que diz respeito ao aspecto econômico. Assim, a partir desse campo social, em que estão presentes diversos sujeitos, é possível perceber distinções nos usos linguísticos dos jovens a depender do grupo em que estão organizados, ainda que, a nível macro, façam parte de um mesmo grupo, esse maior, de estudantes de ensino médio de escola pública localizada em determinada RA do DF.

Posterior à compreensão da possibilidade de diversas realizações da linguagem a depender do encaixe dos indivíduos no meio, ou seja, a depender dos referentes recortes que os envolvem, como gênero, idade e outros, é possível que comecemos a deparar-nos com a figura que - com foco - nos interessa aqui, que é a compreensão de quem são as jovens responsáveis por realizar o *processo de estilização linguística como recurso de resistência* que se propõe a, de algum modo, colocar as jovens como protagonistas. Entretanto, antes, é preciso compreender que o grupo pesquisado era composto por meninos e meninas, tendo em vista que a escola organiza-se em um regime de educação misto, ou seja, em que estão presentes homens e mulheres, mas o foco principal da observação recaiu sobre elas, porém os primeiros não foram excluídos, já que, para compreender o modo que elas agem, é preciso considerar com quem elas se relacionam, principalmente nos momentos de suas respectivas realizações linguísticas, de modo que eles também surgirão aqui, mas não como elemento central. Logo, observa-se um ambiente em que há a coexistência de meninas e meninos, ambos os grupos adolescentes, os quais estão localizados abaixo dos 18 anos e ambos subordinados a terceiros enquanto figuras de autoridade, como a figura do professor, dos policiais e da coordenação pedagógica da escola. Assim, observa-se uma lógica de organização de poder externa, ou seja, que não diz respeito ao modo como os próprios jovens se relacionam, o que, nesse mesmo nível, os equipara de algum modo, mas o que não extingue qualquer diferença e conflito entre eles já que podem deter estilos e práticas diferentes.

No campo de análise, foram observadas turmas compostas majoritariamente por meninas, o que pressupõe que, no que diz respeito ao aspecto numérico, há uma “dominação” delas. Entretanto, não apenas o aspecto quantitativo deve guiar-nos aqui, pois a maior atenção e preocupação deve ser com como notamos essas mesmas relações sociais sendo mediadas, ou mesmo adquirindo nova roupagem ao longo de sua ocorrência, a partir do campo da

linguagem. Assim, é interessante perceber que a noção de estilo independe de fatores como a quantidade de meninos ou meninas nesse espaço, mas que tais aspectos ainda são interessantes e importantes para guiar-nos na compreensão de como algumas falas podem ou não ser relevantes, a depender do que pode representar, tendo em vista que estar em menor número não necessariamente significará que esses meninos não possam, por exemplo, ser a autoridade dentro de sala de aula ou serem ícones sociolinguísticos, quando excluída a figura do educador e posta somente a dos alunos e alunas, o que, de certo modo, significaria dizer que esse espaço, do ambiente escolar, está-de fato servindo de elemento perpetuador para a dominação conceituada por Bordieu (1998), assim como o autor afirmou que ocorria. Porém, o que se pretende expor aqui é a forma como as meninas são capazes de mobilizar recursos linguísticos, a fim de não apenas comunicarem através do léxico, mas também através do modo como falam, já que na fase em que se localiza a presente pesquisa, terceira onda, prender-se somente ao sistema linguístico já não é mais o bastante, pois é preciso ter noção e considerar os significados sociais do que é produzido pelos falantes (CASIMIRO, 2018, p.434), pois “ o que importa para as pessoas é o sentido que a variação da língua pode adicionar às suas práticas discursivas – o que as pessoas estão tentando dizer e o que elas ouvem os outros tentando dizer” ( COUPLAND, 2007, p.8 *apud* CASIMIRO, 2018, p. 434). Desse modo, é possível inferir que, ainda que os aspectos numéricos e a variação entre os/as estudantes importem, também é primordial considerar a relevância dos enunciados e dos modos dos enunciados produzidos por eles, de forma que esse fora o foco durante os respectivos momentos de observação.

#### **4. Situações de manutenção de dominação masculina e análise de dados da possibilidade de realização de Protagonismo Feminino por jovens mulheres estudantes de uma escola pública militarizada do Distrito Federal**

A partir da inferência a respeito do campo e composição das relações vigentes no espaço em questão no momento de realização da presente pesquisa, foi possível notar um processo de estilização linguística por parte das jovens, o que será percebido nos dados analisados subsequentemente. O referido cenário, de estilização linguística por parte das jovens estudantes e consequente protagonismo femininos por meio da linguagem, relaciona-se de forma considerável com o momento social e recorte histórico em que essas mesmas jovens estão inseridas, de modo que possibilita compreender que essas falas e enunciados, construídos espontaneamente por elas, não ocorrem de forma ocasional, mas relaciona-se

com o espaço que ocupam e suas respectivas experiências prévias, algo semelhante ao ocorrido com os falantes do estudo de Labov (1972), demonstrando, assim, a relevância da compreensão do espaço para posterior compreensão dos enunciados proferidos pelas falantes. Ademais, a percepção da escola em questão como um ambiente híbrido, em que estão presentes homens e mulheres, torna-se relevante, tendo em vista os aspectos sociais que se modificaram ao longo da história, acabaram influenciando o meio em questão e resultaram em significativa mudança relacionada ao perfil dos educandos ocupantes do ambiente educacional. Desse modo, para fins de compreensão desse espaço, considerar-se-á, aqui, de que forma essas jovens estão inseridas nesse campo social, como veem/encaram determinadas situações, de que modo são vistas e interagem com terceiros a partir do campo da linguagem, mas não somente pela visão delas, para tanto notar-se-ão também apontamentos acerca da forma como, a partir das ações de outros, elas são encaradas por aqueles com quem interagem.

Outrossim, no que diz respeito à relação de *contexto x fala*, foi possível observar, de forma explícita com possível tentativa de amenizar as ocorrências da situação, em uma situação de observação participante, como a manutenção das ordens de poder, às quais Bourdieu (1998) se refere, ocorrem no espaço escolar, mas também como as jovens conseguiram relacionar-se com isso a partir de uma postura que se pode classificar como surpreendente. Em determinada ocasião, no turno matutino, foi realizada uma oficina com as jovens estudantes no auditório da escola na qual ocorreu a presente pesquisa, essa ocasião recebeu o nome de “Mulhere-se”, o momento era voltado às estudantes e visava discutir o modo como elas se sentiam socialmente, bem como escutá-las, em um momento de acolhimento e aproximação, para fins também de conquistar a confiança das meninas para que pudessem sentir liberdade e confiança na presença das pesquisadoras dentro do ambiente escolar. A princípio, a ideia era que as jovens, após breve apresentação e introdução das coordenadoras da oficina, se apresentassem e compartilhassem um pouco de suas respectivas experiências, bem como os sentimentos da realidade de serem mulheres na sociedade e, conseqüentemente, naquele espaço escolar. De forma comunicada e planejada, o evento contou com a presença da coordenadora pedagógica da escola e de uma professora, mas, posteriormente, também estavam presentes dois policiais, sendo eles um homem e uma mulher, o que, inclusive, fora surpreendente mesmo para a parte pedagógica da instituição. De início, a presença dos referidos, principalmente do polícia homem, causou um certo impasse nas jovens, como algumas delas relataram ao final do evento, mas ele permaneceu no local, tendo em vista o

aparente desconhecimento acerca do fato, assim como, de acordo com as palavras do próprio, em função do interesse de compreender mais a questão por ser pai de meninas. Desse modo, a oficina foi iniciada conforme a programação prevista, em cima do palco do auditório e em formato de círculo com todas sentadas no chão, a fim de garantir proximidade entre todos presentes e construir uma esfera de proximidade e confiança, exceto a figura do policial homem, o qual se manteve sentado em uma cadeira, em altura diferente das demais presentes, o único desse modo, algo que pode denotar/apontar para o fato de que, em comparação com as demais, ele detém mais poder. Além disso, essa postura, de colocar-se em altura diferente das demais, que estavam sentadas em círculo no chão, demonstra também vigilância, algo que pode ser apontado pela simples presença do referido policial no local, aspecto que, de certo modo, aponta para a manutenção da dominação à qual Bourdieu se refere.

Ademais, no momento das falas das estudantes, foram relatadas diversas situações que apontaram para o descontentamento com a realidade do que, para elas, representa “ser mulher” na sociedade atual. Nesse momento, as próprias jovens apontaram para a importância de se ajudarem, trouxeram a ideia de sororidade - que significa que elas podem relacionar-se sem rivalidade feminina, de modo que o simples fato de serem mulheres não as obriga a terem uma relação sempre pacífica e plena, já que as pessoas naturalmente têm conflitos, mas esse também não deve ser um indicativo para que exista rivalidade sem motivo entre elas - e pontuaram como aquele momento era algo essencial para que elas conseguissem alcançar união a fim de se fortalecerem. Enquanto algumas das jovens faziam suas falas e demonstravam uma intenção de unidade entre mulheres, o policial solicitou um momento de fala e utilizou-se desse momento para tecer críticas às jovens e o modo como se relacionavam, apontou conflitos entre estudantes mulheres e declarou que elas precisavam unir-se para serem fortes, algo que elas próprias haviam dito, mas ele o fazia em uma tentativa de ensinar-lhes a respeito de como deveriam agir/conduzir suas respectivas relações, postura de *mainsplaning*, a qual consiste em um homem explicar algo a uma mulher, de forma simples/rasa, mas confiante, como se dominasse o assunto, quando a realidade é o inverso. Após o ocorrido, o momento da oficina encerrou-se com a confecção de cartazes, a fim de, posteriormente, construir um mural com as frases elaboradas pelas estudantes. No momento da realização desse processo, as jovens conseguiram conversar com as mediadoras, agradeceram o momento e relataram descontentamento com a presença do policial homem, bem como o fato de que se sentiram desconfortáveis com isso, o que demonstrou que,

provavelmente, a situação poderia ter sido ainda mais proveitosa se isso não tivesse acontecido.

Esse conflito entre as jovens estudante e os policiais não parece algo incomum, já que, em um momento posterior, ao conversar com duas alunas, do 2º ano, e questionar-lhes a respeito da relação com os policiais dentro do ambiente escolar, as estudantes narraram um episódio que se relaciona com a questão das vestimentas. Na ocasião, de acordo com as estudantes, um dos policiais solicitou que ambas retirassem o piercing, algo que está previsto nos parâmetros estabelecidos para vestimenta (página 18 deste trabalho), documento que, durante o tempo de permanência no campo, não havia sido, ainda, disponibilizado aos alunos – posteriormente, foi possível obter o documento no modo online. Porém, as orientações já haviam sido passadas, pois as jovens demonstraram ter consciência das normas e uma se recusava a segui-las, demonstrando seu desacordo tanto com as normas quanto com o policial por ter mandado que ela tirasse o acessório. Essa postura, por parte da jovem, aponta para um cenário de embates entre estudantes e os policiais responsáveis pela manutenção da ordem do espaço, o que expõe, mas diferencia-se, ainda que minimamente, da esfera teórica, apontada por Bourdieu (1998) em *Dominação masculina*, onde o autor aborda acerca da dominação de homens para com mulheres e manutenção das ordens de poder vigentes, o que ocorre é que não há, pela postura exercida pela jovem, um contentamento ou postura de subjugação por parte das jovens, aqui isso ocorre de forma mais enfática, pela própria postura de recusa da estudante que não retirou o piercing. Entretanto, é possível notar tal “rebeldia” por meio da fala das jovens, como veremos a seguir, isso não só para com os policiais, mas também com seus respectivos colegas homens, com os quais elas estão, de algum modo, equiparadas, tendo em vista que ambos, apesar de gêneros distintos, ocupam o mesmo local social dentro do campo social, o de estudantes, algo que, talvez, proporcione com que elas reajam de forma mais enfática quando algo lhes desagrade, seja pela seleção lexical ou, nosso foco aqui, pelo processo de prolongamento vocálico e aumento de tonalidade por parte delas.

#### **4.1 O prolongamento vocálico como uma possibilidade de marcação de espaço e representação de protagonismo feminino em um ambiente escolar militarizado.**

Durante o tempo de observação, verificou-se que as meninas, algumas em especial, produziam enunciados linguísticos de forma distinta a depender do interlocutor. Sendo assim, faz-se preciso considerar os moldes das possíveis relações/diálogos dentro do



ambiente escolar, tendo como figura central as jovens mulheres, as quais podem relacionar-se do seguinte modo: *meninas x policiais homens; meninas x policiais mulheres; meninas x professores (homens e mulheres) e meninas x meninos*. Das possibilidades apresentadas, a primeira e a última mostraram-se como mais conflituosas, podendo ser, no primeiro caso, agravada pela questão da autoridade dos policiais, bem como pela inserção abrupta desses no ambiente educacional, como foi possível observar nos relatos dos/das estudante da reportagem do SINPRO-DF 2019). Ademais, no que diz respeito à relação de *meninas e meninos*, é importante ter em mente não apenas o aspectos de gênero, mas de disputa entre os jovens nesse momento e espaço da vida, eles e elas estão, de certo modo, equiparados, pois ambos ocupam a categoria de estudante, algo que, por si, se difere da relação das jovens com os policiais, já que, além das questões de gênero, na relação com os policiais, há aspectos de poder, já que eles são, de certo modo, socialmente superiores a elas, seja pela idade ou mesmo pela ocupação. Em contrapartida, por ocuparem a mesma categoria que os meninos, de estudantes, elas já estão mais equiparadas de algum modo, ainda que persistam as relações de poder guiadas e mantidas pelo viés de gênero, algo que parece não prejudicar o que optei por chamar aqui de *protagonismo feminino*, categorização que consiste, basicamente, na saída das jovens do espaço de subjugação que lhes é costumeiramente atribuído. Para tomarmos posse da compreensão dessa categorização, urge que observemos alguns momentos de interação entre os jovens.

Em certa ocasião, em um momento no qual a atenção estava dispersa em sala de aula, situação propícia para interação entre os jovens, foi possível notar uma interação conflituosa entre dois jovens do 2º ano, sendo eles uma menina e um menino, o cenário iniciou-se quando ele, sem solicitações prévias, pegou uma borracha da menina sem autorização, posteriormente, quando a jovem notou proferiu os seguintes dizeres (Considere F para feminino e M para masculino:

F: *Essa borracha é MI:::nha, MI:::nha, MI:::nha:::*

A partir do cenário exposto, e da fala da jovem, podemos notar marcas interessantes para compreender como as relações de poder se dão nesse caso. A priori, é preciso partir da ação do jovem estudante, ele, sem solicitar, pegou um material que era de posse da colega, sendo que o fez sem pedir, uma ação que pode denotar uma certa confiança ou mesmo autoridade perante a colega, já que ele crê, por algum motivo, que não precisa pedir o objeto emprestado para tê-lo em posse. Essa postura nos é significativa aqui porque expõe algo que Bordieu

(1998) já apontava, como a dominação masculina impõe-se como neutra (Bourdieu, 1998, p.18), algo que faz dela natural, seja nas condutas, falas ou dominações do espaço, e é justamente essa pseudoneutralidade que faz dela inquestionável, pois parte do pressuposto de que as coisas/relações são simplesmente daquele modo, sem possibilidade de mudanças, questionamentos ou mesmo que não há nada de errado em como essas relações ocorrem. Observa-se isso, essa naturalidade advinda da pseudoneutralidade, na postura do menino, pois em nenhum momento ele sequer pediu permissão à jovem para usar um objeto que era dela. Além disso, quando confrontado por ela, que colocou a mão no peito e permaneceu com postura ereta, em um *modus operandi* que marcava posse e reafirmava-se diante da ação dele, ele demonstrou surpresa para com a reação da jovem, já que, possivelmente, em seus pensamentos não havia nada de errado com sua conduta. Essa situação contou ainda com, como visto na transcrição, a alteração no tom de voz por parte da estudante e com o prolongamento vocálico na primeira sílaba de um pronome possessivo, no que diz respeito ao primeiro aspecto, esse torna-se significativo pois demonstra que, apesar da naturalidade com que ele age ao pegar a borracha da jovem, não há nela uma postura de contentar-se com a conduta dele ou mesmo permanecer quieta quando aquilo lhe incomoda, também é possível notar isso pelo aumento do tom de voz ao proferir o pronome possessivo, como que em uma tentativa de tripla marcação de posse, a primeira pela própria seleção lexical, a segunda pela entonação utilizada e a terceira pelo prolongamento vocálico, de modo que ocorre uma espécie de tripla marcação para reafirmar a posse do objeto.

Fora essa situação, foi possível notar que as meninas utilizavam desses mesmos recursos, aumento no tom de voz e prolongamento vocálico, quando pretendiam que a atenção/foco estivesse nelas e naquilo que pretendiam. Notou-se isso a partir de uma outra situação em que o foco, ao menos da temática em debate, era delas, pois um grupo de meninas estavam apresentando um trabalho sobre a questão do aborto em uma aula de sociologia. A saber, as meninas eram a) uma jovem negra que se identificavam como cristã; b) uma jovem negra grávida; c) três meninas brancas, todas elas na faixa etária dos 16 aos 17 anos de idade, as cinco falaram sobre um tema polêmico, no contexto brasileiro, mas demonstraram certa desenvoltura e a composição do grupo tornou o debate singularmente interessante, tendo em vista que havia um contraste bom, principalmente pela presença da jovem cristã e da jovem grávida, as quais se fizeram bem presentes no momento de debate. Outrossim, no curso do debate, as jovens pontuaram como o aspecto do perfil, condições sociais, relaciona-se com a quantidade de pessoas que praticam aborto, mas, durante o momento de fala, elas eram,

diversas vezes, interrompidas pela classe, especialmente por estudantes do gênero masculino, os quais tinham posturas opinativas, mesmo quando não eram os sujeitos aos quais o discurso estavam sendo endereçado, em uma ação, por parte deles, que demonstra como eles pretendem estar no centro do debate, ainda que esse não seja sobre eles, isso faz-se notável a partir da fala de um estudante que declarou:

M: Eu acho que se fez tem que ter, a criança não tem culpa.

Observa-se o uso do pronome pessoal de primeira pessoa de uma forma explícita por parte de um estudante do gênero masculino, o qual emite, conforme a seleção lexical aponta, a própria opinião acerca da questão, ainda que o discurso não tenha sido diretamente endereçado pelas estudante. Posteriormente, a partir da fala do jovem, inicia-se um discurso acalorado, em vias verbais, disso nota-se uma divisão da turma em torno da temática, é possível notar que há como se fossem dois grupos, aquele que é a favor do aborto e um que é contra, sendo esse último composto majoritariamente por homens e algumas meninas, como uma das que apresentava a temática, a aluna cristã do grupo, enquanto que o primeiro grupo era majoritariamente composto por mulheres, inclusive a jovem grávida que apresentava o trabalho e proferiu as seguintes palavras:

F2: Ê:::, véi! Se depender de mim, eu vou matar os macho.

Na fala supra exposta, é notável um prolongamento vocálico da vogal “e” no início da sentença, ela o faz em uma tentativa de retomar o espaço de fala, de modo que, para tal, utiliza do recurso de prolongamento vocálico, bem como do aumento do tom de voz. Essa postura, por parte da referida jovem, aponta para um possível descontentamento por parte dela com relação à postura dos colegas homens, já que ela age de forma consideravelmente incisiva a fim de ser ouvida e considerada, já que, pelo demonstrado, não ficou contente com as interrupções e opiniões principalmente dos indivíduos do gênero masculino. Ademais, após a fala de F2, observam-se as seguintes sentenças, também proferidas por jovens mulheres:

F3: Ê:::ita

Essa o faz em uma espécie de demonstrar como a que falou anteriormente a ela posicionou-se e conseguiu impor-se diante do que elas possivelmente encararam como desrespeito, já que o momento de fala lhes pertencia. Posteriormente, uma das jovens retoma a fala, mas ainda é possível observa alguns borburrinhos, então ela diz:

F4: *GEN:::nte! Eu vou falar os dados agora!*

Observa-se, mais uma vez, os recursos de prolongamento vocálico + aumento do tom de voz sendo utilizados para que elas retomem a posse não só do local de fala, mas também para que consigam retomar a atenção dos colegas e sejam, então, consideradas. Assim, depois dos dados serem apresentados, a discussão é retomada, de modo que a maioria das falas são de mulheres jovens, como a proferida por uma das jovens que declara que:

F5: Se você (referindo-se às mulheres) não quiser, não tem que fazer nada, acho isso! Que ao invés de falar ‘pra’ mulher se vestir, é mais fácil falar ‘pro’ homem se comportar.

Nesse momento, da fala de F5, a discussão havia entrado no aspecto de se uma mulher deve ser obrigada a ter um filho fruto de um ato de violência sexual, então, a maioria das jovens permaneceram com a mesma opinião, de que é um direito, enquanto que alguns meninos, em função do recorte específico – de violência sexual – colocado, mudaram de lado e passaram a concordar com elas que, especificamente nessa situação, acreditavam que deveria haver o direito de optar pelo aborto. Assim, dado o quadro, é possível inferir que a postura das jovens é o que optei por denominar aqui de “protagonismo feminino”, já que, nos momentos em que se pretendem fazer ouvidas, ela adquirem uma postura um pouco mais incisiva no que diz respeito à fala e, inclusive, aumentam o tom de voz para serem notadas, como que em um movimento de quem busca o foco.

Ainda no que diz respeito à tentativa delas de colocarem-se em foco ou como autoridade em determinado momento, era possível - em diversos momentos - notar as meninas dando ordem, utilizando-se dos mesmos recursos, aos meninos, de forma explícita, como quando - em um momento de dispersão - uma menina ordenou que um menino sentasse em uma cadeira que estava posta ao lado dela. Porém, faz-se preciso considerar que, aparentemente, eles eram amigos, visto que ele cedeu, o que não exclui a relevância e a força da ordem que ela deu a ele, o que ocorreu do seguinte modo:

F: *WEN:::del, SEN:::ta aqui*

O menino atende prontamente a ordem dela, sem conflitos, de modo que se percebe um certo nível de intimidade entre eles, mas não tira o viés surpreendente do ocorrido, já que pela concepções apresentadas por Bourdieu(1998) não se espera, em tese, que ocorra nesse espaço, do ambiente escolar, uma reação/ação que intervenha ou questione a lógica de manutenção masculina nesse espaço.

## **4.2 Estereotipação da estilização linguística das meninas: estranhamento e tentativa de manutenção da ordem de dominação pelo gênero?**

Embora interessante e um tanto quanto original, o processo de estilização linguística por partes das meninas, acerca do qual se presume aqui que seja dotado de um desejo pela marcação de espaço e também pretensão de demonstrar autoridade, não passa despercebido entre os jovens, especialmente quando há uma alteração no tom de voz, tendo em vista que esse pode, a ouvidos crus, ser tido como o elemento mais gritante. Essa postura, de estranhamento e julgamento, pode ser vista de forma bem clara quando em uma situação em que o foco dos estudantes estava disperso de uma figura central, mas presente em grupos, visto que eles conversavam e interagiam entre si enquanto uma estudante apagava o quadro - a pedido do professor - mas também conversava com os demais e usava várias gírias e palavra tidas como de baixo calão. No referido momento foi possível escutar um menino questionando a aluna, que falava e apagava o quadro, do seguinte modo:

M: Meu Deus, parece homem falando

Muito provavelmente, essa afirmação de M1 foi feita em função dos termos utilizados pela estudante, dentre os quais foi possível notar a presença constante de palavras de baixo calão e gírias. Depois da sentença proferida pelo jovem, a menina retrucou, mas concordando com o menino, em um tom um tanto quanto indignado:

F:É:::, EU NÃO sou mulher não, EU SOU HOMEM, por isso eu falo assim

M: SABIA

Nessa situação foi especialmente interessante observar como o jovem, inconscientemente, categorizou as formas de falar de acordo com gênero, pois, conforme explicitado por ele, há um modo de homem falar, já que - ainda segundo ele - a menina falava “que nem homem”. Logo, podemos concluir que também havia a categorização do modo de mulheres falarem, já que um exclui o outro e, portanto, mulheres e homens falam de modo diferente - de acordo com a concepção do próprio. Entretanto, apesar dessa colocação feita pelo jovem, a menina, que era ouvinte endereçada da frase dele, não se calou ou modificou a forma de falar para que ficasse mais agradável a terceiros, pelo contrário, como foi possível notar, ela - aumentando o tom de voz e realizando prolongamento vocálico - confirmou, de modo um pouco debochado, o questionamento feito pelo menino, também não fez isso de qualquer modo, mas virou-se a ele e o olhou para realizar tal afirmação, tendo em vista que estava

voltada ao quadro apagando-o, de modo que demonstrou não se intimidar diante da afirmação dele que, de algum modo, tentou diminuí-la - ao que parece - comparando-a como um homem apenas pelo modo de falar, algo que surtiu efeito, tendo em vista a postura mais ríspida da jovem, mas provavelmente não o esperado por ele, que talvez fosse gerar uma mudança no modo de falar dela, que persistiu em sua forma de estilização.

### **Considerações finais**

Foi possível observar no presente trabalho o campo social de uma escola pública militarizada, a qual passou pelo processo de forma abrupta, duas instâncias de manutenção da Dominação Masculina (Bourdieu, 1998), espaço no qual ocorreram, ao longo do período de permanência dentro do ambiente de pesquisa, diversas realizações linguísticas com o foco voltado para as meninas, as quais estilizavam linguisticamente sempre que pretendia que a atenção fosse voltada para elas, quando estavam descontentes com algo, bem como também realizavam a referida estilização - que consistia no prologamento vocálico e aumento do tom de voz - a fim de ordenar/solicitar algo de forma mais enfática. Entretanto, apesar de parecer simples, elas usavam dessa postura mais incisiva, a qual a priori não se esperava delas em função das ordens de poder vigentes na sociedade - em que a dominação masculina impõe-se como uma visão neutra, ou seja, dispensa justificativas e portanto ocorre quase que sem ser notada (Bourdieu, 1998, p.18) - isso especialmente nos casos que os interlocutores eram colegas do gênero masculino, o que nos permite considerar a relevância da consideração do gênero nessas interações, ainda que os sujeitos envolvidos na prática comunicativa sejam amigos, como foi possível notar quando uma estudante ordenou ao colega que sentasse, e o fez em um tom de voz elevado e com auxílio de prolongamento vocálico. Ademais, outro momento bastante enfático foi quando as meninas estavam em uma posição que, pela naturalidade, lhes dava o direito à atenção, mas precisaram recorrer aos referidos recursos a fim de terem suas falas consideradas e obter a atenção da turma, que se dispersava ou mesmo, principalmente na figura dos meninos, questionava as falas das jovens que argumentavam com base em dados. Em suma, a partir da estilização sociolinguística, que caracterizou o que se optou por chamar de protagonismo feminino, foi perceptível como os enunciados das jovens eram dotados por diversos significados, não só os explícitos, mas principalmente os implícitos, que demonstravam a necessidade, e o respectivo descontentamento, das falantes para que fossem ouvidas, bem como essas utilizaram-se de tais recursos de modo que, ainda que em pequena escala e restritas ao ambiente escolar ao

qual pertenciam, resistiram de forma estilizada por meio da linguagem, ou seja, agindo do modo apresentado por Ekerct (2008) dotando a linguagem de significados, que não a resistência vazia - mas com um propósito final de terem de serem verdadeiramente escutadas, de modo que se notou uma não-correspondência, mesmo que micro, aos padrões de dominação masculina vigentes duplamente naquele espaço.

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. (1998). **A dominação masculina**. Lisboa: Edição 11.

CASIMIRO, Sergio. UM PANORAMA DA SOCIOLINGUÍSTICA: DA ABORDAGEM VARIACIONISTA AOS ESTUDOS DE ESTILO. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 9, n. 26, p. 422 - 443, abr. 2019. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/111>>. Acesso em: 26 set. 2020.

COUPLAND, N. (2001). Language, situation and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. **Style and Sociolinguistic Variation** (Eds.). Cambridge: Cambridge University Press, pp. 185-210.

ECKERT, P. (2008). Variation and the indexical field. In: *Journal of Sociolinguistics* 12/4, 2008: 453-476 **Style and social meaning**. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. **Style and Sociolinguistic Variation** (Eds.). Cambridge: Cambridge University Press, pp. 119-126.

\_\_\_\_\_. (2016). Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 68-85.

HANKS, W. (2008). **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Trad. e Org.: Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende e Marcho Antônio Machado. São Paulo: Cortez.

REZENDE, R. C. (1). ESTILO SOCIOLINGUÍSTICO COMO RECURSO DE CONSTRUÇÃO DE PERSONAS SOCIAIS: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE DO CONTO “COMEÇO”, DE RUBEM FONSECA\*. *Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista De Linguística E Teoria Literária*, 1(1),

119-137.

Recuperado

de

<https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4564>

REZENDE, R. C. (2019). ESCOLA PÚBLICA COMO CAMPO SOCIAL E SEMIÓTICO: REVISITANDO O CONCEITO DE CONTEXTO NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS. *ISSN - 1982-8640. Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades.*

SOUZA, L. COMUNIDADE ESCOLAR DE CEILÂNDIA REJEITA MILITARIZAÇÃO (2019). Disponível em: <<https://www.sinprodf.org.br/comunidade-escolar-do-ced-07-de-ceilandia-diz-nao-a-militarizacao/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.